



MINERAÇÃO - INSTRUMENTO DE EQUILÍBRIO SÓCIO- ECONÔMICO

Eliseu D'Angelo Visconti Neto

Engenheiro Metalúrgico, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, Diretor da área de Finanças da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais — CPRM.

Desde há longo tempo constatou-se que o profundo desnível entre as diversas regiões do País tende a se transformar no maior óbice ao desenvolvimento harmônico. São os contrastes regionais que têm caracterizado um Brasil desarrumado, onde se concentram a riqueza e a miséria, quase como água e o óleo, que não se misturam.

Muito se tentou fazer, com o objetivo de suavizar o problema. Organismos foram criados, como a SUDAM e a SUDENE, que muito realizaram, justificando plenamente a sua existência, sem que resultados definitivos se apresentassem. Permanece o desequilíbrio e cresce a tensão social, conseqüência dele. As migrações não cessaram. Os Estados do Sul ainda recebem, hospedeiros, o vírus da esperança, rapidamente contaminado pelo vírus da desilusão, pois as oportunidades são inelásticas. Vê-se o Governo forçado a criar empregos para os migran-

tes, num surpreendente círculo vicioso, pois crescem os investimentos nas regiões ricas, para suportar os oriundos das menos favorecidas que, por sua vez, tornam-se ainda mais esvaziadas.

Qual a solução para o enigma? Fixar o homem em seu local de origem, concedendo-lhe os meios necessários à subsistência, bem como a possibilidade de progredir.

Não é original a fórmula. Todos sabem, e neste sentido estão agindo, em busca dos meios que permitam um crescimento mais uniforme. O problema tem sido implementar as medidas passíveis de reverter a atual situação. O volume de investimentos carreado para tais regiões menos desenvolvidas não parece, todavia, proporcional aos resultados obtidos.

Motivo maior desse insucesso parcial foi, sem qualquer dúvida, o artificialmente da política adotada, que se tem constituído, aliás, num vício crônico em

todas as práticas econômicas e sociais dos últimos tempos, vício este felizmente detectado e em processo de expulsão. Artificial foi a prática de forçar o deslocamento, para regiões despreparadas, de indústrias, altamente sofisticadas, que empregam mão-de-obra escassa, em qualidade. Artificial foi a maneira de carrear os recursos necessários e o descompasso no tratamento e distribuição dos impostos e incentivos.

A nova mentalidade do Governo, inaugurada pelo Presidente João Figueiredo, não mais admite o artificialismo, mas antes a realidade. Por isso eliminou-se grande parte dos subsídios, e em seu lugar se vai implantando a verdadeira economia de mercado. Há uma efetiva tendência de se abandonar o paternalismo odioso e a tutela estatal sobre os negócios. E somente desta maneira é que se conseguirá a adesão do empresariado privado nacional que, livre de pressões e acreditado, responderá aos anseios de liberdade e de progresso.

Reorientar o crescimento do País, no sentido de potencializar suas vocações regionais, constitui a mais pragmática e natural maneira de atingir o equilíbrio harmônico.

O setor mineral aparece, por isso, como o grande instrumento dessa nova política.

Corroborar essa tese o aforismo: jазidas não se transplantam.

Em torno dessa realidade, e na constatação de que as regiões hoje menos favorecidas do País são, talvez, as mais ricas, em termos de recursos minerais, é que se deve tentar construir um modelo de crescimento.

É na procura dos recursos minerais que o homem se interioriza, que se fixa

no local onde os encontrar, e que produz insumos básicos indispensáveis a todas as atividades econômicas, até mesmo à agricultura, que não pode sobreviver sem fertilizantes, que são oriundos do reino mineral.

A crise energética que assolou o mundo apresentou alguns resultados positivos, pois nos obrigou a repensar modelos e reordenar prioridades. Teses econômicas, como a de localizar um empreendimento industrial junto ao mercado consumidor, perderam, em parte, a validade, pois não mais se admite transportar calcário, por exemplo, por 300 ou 400 quilômetros, para se fabricar o cimento. É muito mais óbvio transportar-se produto com maior valor agregado, em face dos altos custos dos combustíveis.

Desta maneira, já se torna interessante, em termos econômicos, implantar as indústrias de semi-acabados junto à jazida mineral correspondente.

Sendo os estados do Norte, Centro-Oeste e Nordeste muito ricos em recursos minerais, nada mais natural que incentivar a mineração, arma estratégica para o desenvolvimento. Localizando-se empreendimentos industriais junto às minas a fixação do homem à região estará assegurada, pois virão os investimentos, e infra-estrutura física e social e o rendimento harmônico estará assegurado.

As regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste estão para o Sul assim como o Brasil para as nações desenvolvidas. É legítimo e patriótico o pleito de um tratamento mais realista e condigno, face ao potencial que representam para a Nação. O setor mineral é o caminho mais lógico para a realização dos sonhos de igualdade e de justiça social.